



## Memória em rede: um estudo de caso sobre o compartilhamento de vídeos jornalísticos no YouTube

Antônio Carlos Santiago Freitas<sup>1</sup>  
Roseane Arcanjo Pinheiro<sup>2</sup>

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

**Resumo:** Este artigo visa compreender como a memória coletiva pode ser construída e acionada a partir da cultura participativa em rede. O estudo parte de uma análise do canal *Pedro Janov*, no site YouTube. A página tem por finalidade recuperar e lançar arquivos antigos da televisão brasileira na internet. Através de um estudo de caso (DUARTE, 2005) e o uso da técnica da observação encoberta não-participativa (JOHNSON, 2010), a compreensão do processo está delimitada à observação dos vídeos jornalísticos mais populares do canal. Observou-se que os conteúdos com maior número de visualizações são gravações dos programas Linha Direta, Jornal Nacional, Fantástico, Globo Repórter e Globo Rural, transmitidos pela Rede Globo de Televisão entre os anos 1970 e 2000. Verificou-se que o canal mais documenta e situa os acontecimentos no tempo do que os ressignifica, cabendo ao público tecer suas impressões e opiniões.

**Palavras-chave:** Memória; YouTube; Jornalismo; Pedro Janov; Estudo de caso.

### 1. Introdução

A expansão do ciberespaço promoveu importantes transformações na cultura e na sociedade ao conectar povos em um ambiente complexo, diversificado e possibilitar novas formas de sociabilidade. Dentre as novas possibilidades midiáticas que reconfiguram nossas práticas na contemporaneidade, está a capacidade de armazenar e de resgatar

---

<sup>1</sup> Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz. E-mail: [carlosguerreiros@gmail.com](mailto:carlosguerreiros@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora adjunta do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da UFMA Imperatriz. Email: [roseane.ufma@gmail.com](mailto:roseane.ufma@gmail.com)

a qualquer tempo saberes e conhecimentos no espaço virtual. A memória, antes condicionada ao processo biológico dos seres humanos e posteriormente registrada em objetos físicos, hoje se desmaterializa na internet, servindo de apoio para o modo como recordamos dos acontecimentos.

Neste sentido, os meios de comunicação funcionam como lugares de memória – termo explorado pelo historiador francês Pierre Nora –, que estimulam lembranças e percepções. Utilizado para os mais diversos fins, o YouTube é o segundo mais acessado em todo o planeta<sup>3</sup>, atrás apenas do Google. A plataforma canaliza meios para que qualquer usuário produza conteúdo e compartilhe conhecimento. A cada minuto, cerca de 500 horas de vídeos são carregadas para o site e mais de um bilhão de horas de vídeos no YouTube são assistidos por dia. É o que Henry Jenkins (2009) define como cultura participativa, iluminado pelo conceito de inteligência coletiva de Pierre Lévy (2003).

Recuperar conteúdo televisivo no YouTube foi uma das primeiras ações dos internautas, quando criado o site, há 15 anos. A prática alimenta a necessidade dos usuários em rever programas, reportagens, lembrar e/ou tomar ciência de fatos ou personagens que repercutem no imaginário dos sujeitos. O site configura-se, portanto, como ponto centralizador para a preservação da memória, sobretudo ao abrigar fragmentos de arquivos da televisão brasileira gravados por telespectadores na era das fitas VHS. As gravações analógicas chegaram e chegam digitalizadas à rede de computadores, através de canais do YouTube que se colocam como guardiões voluntários dessa memória. Mais que um mero repositório de vídeos, o site é, antes de tudo, espaço de construção, disputa, ressignificação e enquadramento da memória coletiva.

A proposta deste artigo é compreender, através de um estudo de caso, como a memória coletiva pode ser construída e acionada a partir da cultura participativa em rede. Neste intento, selecionou-se para análise o canal *Pedro Janov*<sup>4</sup> no YouTube. A página é responsável por recuperar imagens transmitidas pelas principais redes de televisão do país entre os anos 1970 e início dos anos 2000. O foco do estudo é o conteúdo jornalístico, por entender que o jornalismo se firma como um reforço da temporalidade

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://kinsta.com/pt/blog/estatisticas-do-youtube/>. Acesso em: 19 jul. 2020.

<sup>4</sup> Disponível: <https://www.youtube.com/user/5dejunho>. Acesso em: 19 jul. 2020

social e compõe formas específicas de sociabilidade, ao passo que, “é um mediador e facilitador do processo de aquisição das experiências” (REGO, 2018, p. 158). Portanto, a pesquisa busca ainda observar quais publicações, dentre os vídeos mais populares, são relevantes para o público que navega pelo canal. Quais acontecimentos jornalísticos são lembrados pela página e que repercute na memória dos usuários?

## **2. O jornalismo como lugar de memória**

A discussão sobre memória transita entre várias áreas do conhecimento. Perpassa pela sociologia, psicologia, história, comunicação, e tantas outras disciplinas que investigam os fenômenos sociais. O sociólogo francês Maurice Halbwachs concebe a memória como um processo de reconstrução de lembranças que ocorre a partir dos contextos sociais. “Existiriam memórias individuais e, por assim dizer, memórias coletivas. Em outras palavras o indivíduo participaria de dois tipos de memórias” (HALBWACHS, 2013, p. 71).

Para o autor, as duas memórias se interpenetram com frequência. A memória individual não está absolutamente fechada e isolada. Necessita recorrer às lembranças de outras pessoas para tornar as recordações evocadas mais exatas ou mesmo para preencher lacunas. Toda contribuição exterior é assimilada e gradualmente incorporada à sua substância. As lembranças individuais só tomam consistência, mediante uma comunidade afetiva, cuja construção ocorre através do convívio social. Assim, a memória coletiva contém as memórias individuais. Na interação estabelecida entre os sujeitos, a memória pessoal opera em sintonia com a memória dos diferentes grupos dos quais faz parte. A família, a escola, a igreja, os amigos e colegas de trabalho, por exemplo, constituem modelos de grupos sociais que o indivíduo integra ao longo de sua existência e que cimentam as lembranças.

Marialva Barbosa (2007), interpretando as ideias de Halbwachs, analisa manuscritos da imprensa nacional e explora a memória de um grupo como uma construção coletiva, na medida que vivências comuns são compartilhadas entre seus membros. “E, como tal, modula mitos coletivos a partir de histórias particulares de vida. Falando de um passado comum, fornecem ilusão de torná-lo presente” (BARBOSA, 2007, p. 83).

Cauteloso ao propor uma definição de memória, Edgar Morin (2006, p. 142) acredita que “um dos problemas humanos mais difíceis é o de ter relações civilizadas e completas com sua própria memória”. Tanto a memória individual quanto a coletiva são problemáticas complexas e enormemente transformadas pela subjetividade humana. Isso não significa que sejam puramente subjetivas. Morin alerta para a dificuldade em determinar um ponto de equilíbrio entre objetividade e subjetividade na construção de dada memória. Ele exemplifica com o caso da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O mesmo acontecimento tende a ser rememorado ou revisto de forma distinta entre historiadores franceses e alemães. Cada um defenderá a inocência do seu próprio país na deflagração da guerra, no intento de apagar fatos negativos. Cada um buscará a autossatisfação ou a autoglorificação. O sociólogo pondera, assim, a dificuldade em estabelecer relações justas com a memória.

Relatividades e complexidades à parte, as memórias individuais e coletivas também são estimuladas pelos lugares de memória, sendo estes, simultaneamente ou não, concretos, abstratos ou simbólicos. Para Nora (1993), numa época tão voluntariamente produtiva de arquivos como a nossa, os lugares de memória são criados do sentimento que não há memória espontânea, “que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p. 13).

Os lugares de memória abrigam o registro dos eventos e servem de apoio às lembranças para a partilha do saber. Extrapolando a observação de Nora, também “as mídias podem ser reconhecidas como lugares de memória, ou lugares de fabricação do presente, mas que contribuem para ‘debilitar o passado’” (LUCENA, 2015, p. 4).

A partilha da memória é uma das condições vitais para a formação das comunidades, lembra Casalegno (2006). As formas como estabelecemos nossas partilhas uns com os outros evoluem com a transformação dos suportes nos quais a memória se inscreve. Mas, segundo o autor, há um elemento fundante no processo de experiências compartilhadas que participa da fundação da memória coletiva: a narração. Ela é a “possibilidade de que todos os membros de uma comunidade têm de acessar e de enviar as informações que nutrem um sistema” (CASALEGNO, 2006, p. 32).

De certo, desde a inauguração dos tempos modernos, estamos acostumados com a peculiar forma de narrar os fatos da vida social por meio do jornalismo. Robert Park (2006, p. 51) diz que “a função da notícia é orientar o homem e a sociedade no mundo real” e que, como forma de conhecimento, ela está vitalmente interessada no tempo presente.

Aliado a isso, Franciscato (2005, p. 03) expressa que a temporalidade jornalística, ou seja, o seu tempo de ação, não é apenas uma característica, mas uma marca que define a produção noticiosa. É ela que dá “uma forma cultural ao principal produto jornalístico, a notícia, tornando-a reconhecível e estabelecendo os seus limites de sentido, atuação e existência social”. A temporalidade do jornalismo é o tempo presente, no qual se interessa pelo tempo dos eventos, temas e situações que estejam ocorrendo ou em movimento.

Os jornais são, portanto, espaços voltados a produção da atualidade e agendamento imediato da fatos sociais. Ao fazer os registros do cotidiano, o jornalismo acaba por documentar fragmentos temporais de dada realidade, permitindo que novos olhares e reflexões recaiam sobre a narrativa jornalística, ainda que seja em um momento posterior a seu tempo de produção. O jornalismo “é um mediador e facilitador do processo de aquisição das experiências. Sua narrativa disponibiliza experiências que se colocam para aquisição por terceiros” (RÊGO, 2018, p. 158).

A autora pondera que o jornalismo, mesmo situado no passado e falando sobre o presente desse passado, também reúne as três condições essenciais para ser um lugar de memórias: ele é material, do sentido literal de algo físico ou que se tem acesso; é simbólico pelo fato de suas narrativas repercutirem no imaginário das pessoas; e é ainda funcional, pois facilita a cristalização das lembranças, bem como sua transmissão.

Nesta perspectiva, Ribeiro (2013) oferece uma análise importante sobre o papel desempenhado jornalismo na cultura da memória. Para ela, o discurso jornalístico se legitima devido a força moral ancorada no factual. Nas narrativas não costumam haver deformação, os elementos concretos da notícia, como nomes, datas e eventos, não costumam ser criados ou inventados. Para a autora, historicamente, o jornalismo construiu uma relação de confiança e credibilidade com seu público. Assim, quando temos acesso a um jornal ou assistimos um telejornal, acreditamos que o que contemplamos efetiva-

mente aconteceu. Isso também ocorre quando ativamos nossa memória por meio do jornalismo.

A mídia jornalística possuiu uma legitimidade socialmente reconhecida. É considerada porta-voz oficial dos acontecimentos e da transformação social e, como registro da realidade, possui certa aura. O jornalismo não só retrata os fatos considerados mais relevantes, mas também os registra, legando às sociedades futuras um testemunho sem igual. A mídia é um dos mais poderosos agentes de memória do nosso tempo. (RIBEIRO, 2013, p.77).

Mas, ao analisar a atuação de jornalismo brasileiro durante a Ditadura Militar, Rêgo (2014, p. 29) adverte que não se deve considerar como absoluto o discurso que se encontra dado, quando se recorre ao jornalismo como lugar de memória, fonte ou objeto de pesquisa histórica. “Reconhecendo que a memória carrega em si, aspectos intrínsecos de flexibilidade, visto que se forma, deforma e reforma, conforme se assimilam outras memórias e histórias” (RÊGO, 2014, p. 29).

Hoje, tem-se uma reconfiguração da mídia jornalística, causada pelo surgimento e descentralização da internet. Por isso os modos de produção, de acesso e de consumo das narrativas jornalísticas estão se transformando. Palácios (2002) relaciona a memória como uma das características do jornalismo digital, sendo múltipla, instantânea e cumulativa, proporcionando uma ruptura com o jornalismo aplicado em suportes anteriores à internet. Considerando cada especificidade, a função multimídia permite conjugar texto, imagem, áudio, vídeo e infográficos, integrando vários formatos midiáticos; a instantaneidade possibilita a rápida recuperação de informações já lançadas em rede; e o fator cumulativo deve-se à facilidade e o baixo custo para armazenar arquivos na web. Noutras palavras, as memórias jornalísticas se tornaram fáceis de guardar e de novamente acessá-las.

### **3. YouTube e participação: a inteligência coletiva no ciberespaço**

Conforme Burgess e Green (2009), o YouTube é atualmente a principal plataforma de compartilhamento de vídeos. O site foi criado em julho de 2005 pelo trio Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, com o objetivo de eliminar barreiras técnicas e faci-

litar o carregamento de vídeos na internet. No início, o site disponibilizava uma interface simples, dentro da qual o usuário podia fazer o *upload*<sup>5</sup>, publicar e assistir a vídeos em *streaming*<sup>6</sup>, mesmo não possuindo conhecimentos técnicos em Tecnologia da Informação (TI). Diferentemente de outras plataformas similares, que também existiam à época, o YouTube se tornou popular por não estabelecer limites quanto ao número de vídeos que cada usuário poderia inserir no site. Segundo os autores, tamanha facilidade popularizou o endereço eletrônico nos Estados Unidos, logo nos primeiros meses. Em outubro de 2006, o Google comprou o site de seus fundadores por 1,65 bilhão de dólares. Uma criação bem-sucedida com grandes perspectivas de crescimento.

O YouTube tornou-se lugar propício para compartilhar vídeos amadores, cujo acesso se restringia aos circuitos privados dos usuários. O site recebeu ainda milhares de *uploads* de conteúdos gerados por terceiros, sobretudo vídeos originalmente produzidos pelos grandes grupos de comunicação de massa. Gravações de programas antigos e recentes da TV, ou mesmo trechos de filmes recém-lançados no cinema, acabaram ganhando novos usos e sentidos ao serem compartilhados pelos internautas.

O uso não-autorizado de vídeos protegidos por direitos autorais motivou as primeiras ações judiciais contra o YouTube, obrigando o site a implementar uma série de políticas protetivas à propriedade intelectual. Os processos representaram os primeiros choques da coexistência desconfortável entre “antigas” e “novas” formas e práticas de comunicação.

Para Lévy (2003), o surgimento do ciberespaço cria uma situação de desintermediação, cujas consequências políticas e culturais ainda não foram avaliadas por inteiro. O espaço público midiático, antes controlado por intermediários institucionais que preenchiam uma função de filtragem e de difusão entre os autores e consumidores de informação, passa agora por uma intensa reconfiguração. O ciberespaço permite “a reciprocidade, a comunicação e a partilha de um contexto. Trata-se de comunicação conforme um dispositivo ‘todos para todos’” (LÉVY, 2003, p. 195). No domínio das novas tecnologias, qualquer um pode produzir e disseminar conteúdo, em função de seus interesses ou causas, e participar de uma comunicação democrática e universal.

---

<sup>5</sup> O mesmo que carregamento; envio.

<sup>6</sup> Visualizar conteúdo sem a necessidade de transferir para o computador.

O modo como a sociedade contemporânea evolui produzindo conhecimento, a partir dos meios digitais, é denominado por Jenkins (2009) como cultura participativa. O autor retoma a definição de inteligência coletiva e concorda que o ideal proposto por Lévy é uma “utopia realizável”, com possibilidades de transformar o meio social e torná-lo mais justo. Jenkins (2009) conclui que as novas ferramentas de produção e canais de distribuição derrubaram barreiras de entrada no mercado de ideias e oportunizam a promoção da cidadania. As recentes mudanças no processo de produção cultural fornecem recursos para o ativismo e a crítica social nas mãos de cidadãos comuns.

#### **4. Memória em rede: o canal Pedro Janov no YouTube**

Através da pesquisa exploratória, ao navegar pelo YouTube, mapeou-se dez canais que lançam na internet arquivos antigos da televisão brasileira (TV Mofo, Pedro Janov, Videoteca do Puga, Acervo 80 JHL, Fita Jóias, Arquivo AGC, Arquivos 1000, Arquivo Markezini, Arca da Fuzarca e Juliano Trindade). Para definir o objeto deste estudo, considerou-se a página com o maior número de vídeos publicados e de usuários inscritos. Após o mapeamento, chegou-se ao canal *Pedro Janov*, cuja finalidade se vale em publicar imagens recuperadas de fitas VHS. A pesquisa prossegue com um estudo de caso sobre o canal, a fim de observar tendências de conteúdo e consumo que permeiam a página selecionada. Essa escolha metodológica, de acordo com Duarte (2005, p. 219), “tem preferência quando se pretende examinar eventos contemporâneos, em situações onde não se podem manipular comportamentos relevantes”, sendo possível combinar duas fontes de evidências: a observação e a entrevista. Neste artigo, opta-se pela observação encoberta não-participativa. Segundo Johnson (2010), ao fazer uso da referida técnica, o pesquisador limita-se a observar, sem que os sujeitos sob investigação tenham ciência que estão sendo estudados, de modo que, não possam influenciar no levantamento e análise dos dados coletados.

A proposta é entender como a memória coletiva pode ser construída e acionada a partir da cultura participativa em rede. Nisso, o canal *Pedro Janov*, elemento constituinte do ciberespaço, é aqui compreendido como lugar de memórias, que estimula e reforça memórias individuais e coletivas. A pesquisa busca ainda observar quais conteúdos jor-





nalísticos, dentre os vídeos mais populares, se tornaram relevantes para o público que acessa a página.

O canal *Pedro Janov* dispõe de um acervo *online* de 2.760 vídeos e 129.067 pessoas inscritas. Explorando o menu do canal *Pedro Janov*, a partir do espaço auto descritivo - “Sobre” - e de interação com os demais internautas - “Comunidade” -, observou-se que a página é administrada pelo jornalista Danilo Rodrigues, um colecionador de vídeos antigos da tv brasileira, sob o pseudônimo no site de *Pedro Janov*. O canal existe desde 26 de novembro de 2012 e acumula 33.492.121 visualizações<sup>7</sup> de todos os vídeos publicados. Danilo Rodrigues afirma fazer parte do YouTube desde 2006, mas, ao sofrer denúncias por violação de direitos autorais, teve o antigo canal deletado.

A experiência de perder uma conta já consolidada no YouTube, leva Danilo a adotar medidas estratégicas ao alimentar o canal. Segundo a descrição da página, o espaço não é monetizado e não visa auferir nenhuma forma de lucro, pois todos os direitos são reservados às emissoras que produziram o material resgatado. Creditar as imagens e os áudios carregados é uma forma de manter o conteúdo no ar.

O debate sobre a propriedade intelectual desencadeou os primeiros atritos entre o YouTube e os meios de comunicação de massa, como lembram Burgess e Green (2009). O site teve de criar mecanismos para disciplinar a participação dos membros e evitar problemas a sua comunidade. A observância às políticas de direitos autorais pode ser compreendida como um ponto fundamental para a manutenção do canal *Pedro Janov*, enquanto espaço que preserva determinada memória.

Outro ponto que se evidencia, é a construção deste espaço mediante a colaboração dos sujeitos conectados em rede. De acordo com Danilo, os arquivos lançados no YouTube são provenientes de várias fontes, como a compra de lotes de fitas usadas nos sites OLX e Mercado Livre e nos bazares de caridade. O jornalista recebe doações de pessoas, troca com outros colecionadores, recolhe fitas no lixo, resgata material anteriormente postado no YouTube e excluído por algum motivo, além de compartilhar imagens gravadas por sua família.

De posse das fitas, o conteúdo armazenado em VHS é digitalizado para o computador, antes de ser compartilhado na plataforma. O canal *Pedro Janov* funciona como

---

<sup>7</sup> Dados levantados em 22 de julho de 2019, às 19h08.

vitrine para a aquisição de outros vídeos considerados raros. Através do endereço de e-mail do proprietário do canal, os usuários podem solicitar informações sobre o acervo e/ou contribuir com a construção da página, sugerindo ou trocando arquivos.

As publicações do canal seguem uma lógica similar ao que se pratica pelo jornalismo informativo. Os títulos e descrições dos vídeos, elementos construídos pelo administrador da página, cumprem mais a função de informar e situar o público quanto às condições espaço-temporais das gravações. Ou seja, informa de onde vieram e quando foram geradas as imagens disponibilizadas. Observou-se que a ressignificação dos conteúdos antigos é delegada ao público, que se expressa através dos comentários e lança suas posições e vivências. O canal orienta o público a evitar comentários reacionários na página. Quando publicações suscitam graves tensões de opiniões, a participação da audiência é restringida e os comentários são desativados.

## 5. Conteúdo e tendências de consumo

Em vista da acentuada quantidade de vídeos hospedados na página (2.760), ao navegar pela galeria, optou-se por utilizar o filtro do YouTube “Mais Populares” e selecionar as postagens com maior número de visualizações no canal, a fim de observar as características dos conteúdos e compreender o que interessa aos usuários quando acessam o acervo.

Após o crivo, foram localizados 200 vídeos. Deste recorte, buscou-se separar produções jornalísticas (trechos de reportagens, telejornais, programas jornalísticos) do entretenimento (programas de auditório, *talk shows*, programas humorísticos, esporte etc.). Feito o mapeamento, 97 vídeos foram enquadrados como jornalísticos. As imagens são produções das emissoras: Rede Globo, SBT, Record, Manchete, Bandeirantes e Globo News. O material resgatado data das décadas de 1970 a 2000. A concentração de arquivos disponíveis ocorre, sobretudo, entre anos 1980 e 1990, época que se tornou mais acessível aos telespectadores a compra de videocassetes, aparelhos que permitiam a captura das imagens em fitas VHS.

Figura 1 – Arquivos jornalísticos por décadas entre os vídeos populares do canal.



Fonte: Produzido pelo autor.

Gravados simultaneamente com as transmissões das redes de televisão, os vídeos permaneceram guardados por determinado tempo até a popularização da internet. Antes limitados aos espaços privados dos telespectadores, tudo aquilo que era dado como importante tornou-se compartilhável na web graças ao protagonismo da audiência, cada vez mais ativa. O lançamento do YouTube trouxe condições para qualquer pessoa inserir vídeos na internet sem a necessidade de prévios conhecimentos técnicos em tecnologia da informação.

Do *corpus* observado, pelo menos cinco programas jornalísticos somam juntos 71 publicações. Os vídeos foram gerados a partir da grade de programação da Rede Globo, remetendo ao período que a emissora registrava as maiores médias de audiência de sua história e consolidava o padrão de qualidade de suas produções. Preferência dos telespectadores à época, os vídeos são os mais buscados hoje pelos internautas, quando revisitados no canal *Pedro Janov*.

Tabela 1 – Relação dos programas mais assistidos no canal Pedro Janov.

<b>Programas mais vistos</b>	<b>Número de vídeos populares</b>
Globo Rural	24
Jornal Nacional	15
Linha Direta	13
Globo Repórter	11



Fantástico	8
------------	---

Fonte: Produzido pelo autor.

Refinando ainda mais o campo de observação, buscou-se verificar os dez vídeos jornalísticos com maior visualização no canal. Com 1.717.853 de *views*<sup>8</sup>, o programa Linha Direta Justiça<sup>9</sup>, transmitido pela Rede Globo no dia 22 de novembro de 2007, narra o caso Ana Lúcia, uma menina assassinada em Brasília na década de 1970, um caso até hoje emblemático, por envolver como suspeitos o próprio irmão da garota e até filhos de políticos importantes do Regime Militar. A publicação é a mais vista e com o maior número de comentários, cerca de 2.590.

O segundo vídeo é um trecho de sete minutos do Jornal Nacional<sup>10</sup>, veiculado em 13 de julho de 1984. Apresenta duas matérias sobre economia: uma destaca o fato de o FMI exigir do Brasil a redução dos subsídios agrícolas; e outra sobre o consumo doméstico de energia elétrica. O vídeo trata, de modo geral, de um aspecto do padrão socioeconômico brasileiro nos anos 1980. Tem 757.483 visualizações e 1.237 comentários.

Também se destacam duas postagens sobre o ex-presidente João Figueiredo, o último general a ocupar a presidência da República durante a Ditadura Militar. A primeira é uma reportagem do Fantástico<sup>11</sup>, exibida em 22 de dezembro de 1999, com revelações de Figueiredo num churrasco na casa de um amigo empresário, onde, sem saber, é gravado expressando sua opinião sobre vários políticos brasileiros, de forma sarcástica e irônica. As imagens são de 1987 e só foram reveladas após morte do general, em dezembro de 1999. O vídeo conta com 554.694 visualizações. Na segunda publicação, Figueiredo concede uma entrevista<sup>12</sup> ao jornalista Alexandre Garcia da Rede Manchete, em 24 de janeiro de 1985, na transição da redemocratização. A poucas semanas de deixar o cargo, fez revelações sobre o governo, o Regime Militar e pediu para ser esquecido por todos, ao final da conversa. Nestes dois vídeos, a função comentários foi desativada para os usuários.

<sup>8</sup> Visualizações.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ScraRjtQAY8&t=1018s>. Acesso em: 23 jul. 2019.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=666JfI6razU&t=305s>. Acesso em: 23 jul. 2019.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f-h0e2flvMw>. Acesso em: 23 jul. 2019.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5-8deogCdYs>. Acesso em: 23 jul. 2019.

Duas edições do Globo Repórter estão entre os dez vídeos mais populares no canal *Pedro Janov*. O programa transmitido em 30 de maio de 1997 abordou sobre Frei Damião e os santos brasileiros<sup>13</sup> e foi revisitado 466.869 vezes, com 337 comentários. Um trecho do programa Globo Repórter sobre os índios Yanomami<sup>14</sup>, exibido em 1984, conta com 377.071 visualizações e 25 comentários.

Por fim, o canal disponibiliza várias edições do Globo Rural. Três programas se destacam: uma edição de junho de 2004<sup>15</sup>, que ensina a receita de doce de leite cremoso (436.083 visualizações e 145 comentários); outra também do ano de 2004, mostrando o uso da tecnologia na criação de peixes<sup>16</sup> (433.565 e 67 comentários); e o trecho de uma grande reportagem sobre os diversos usos da mandioca<sup>17</sup>, exibida em maio de 2003 (387.433 visualizações e 105 comentários).

Com exceção das edições do programa Globo Rural, que aludem a conteúdos instrutivos, as reportagens do Linha Direta, Fantástico e Globo Repórter apresentam fatos marcados no tempo, cujas narrativas ainda repercutem no imaginário das pessoas. Como notado por Rêgo (2018), o relato jornalístico cristaliza-se como um reforço temporal que facilita a aquisição de experiências. Neste caso, auxilia no modo como o público se recorda de dados acontecimentos, sendo o canal observado um lugar mnemônico. É pela narrativa revisitada, que internautas relançam sentidos sobre quem de fato assassinou a menina Ana Lídia, ou mesmo, se concordam ou discordam das percepções da política brasileira expressas pela fala do ex-presidente João Figueiredo.

Os caminhos pelos quais se movimenta a memória não são fáceis de percorrer. Metodologicamente, há de se considerar o contexto social dos sujeitos. Como apontado por Morin (2006), a memória é complexa e relativa. As lembranças operadas socialmente suscitam diversos pontos de compreensão. Não por acaso, os comentários em publicações polêmicas no canal *Pedro Janov* são desativados. A página opta por não estimular o debate polarizado. Em última instância, a preservação do conteúdo na rede é mais importante que os sentimentos expressados pelo público.

---

<sup>13</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ariDvS\\_HSEk&t=149s](https://www.youtube.com/watch?v=ariDvS_HSEk&t=149s). Acesso em: 23 jul. 2019.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nITmDt7annA&t=55s>. Acesso em: 23 jul. 2019.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DBQfGUbOtxc&t=181s>. Acesso em: 23 jul. 2019.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2a1vvBNJwhY&t=549s>. Acesso em: 23 jul. 2019.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OyDpM39216k&t=239s>. Acesso em: 23 jul. 2019.

Contudo, é indiscutível que memórias individuais e coletivas são evocadas por meio desses recortes do passado. De todo modo, o público demonstra apreço ao rever cenas que significaram algo no passado e que, relativamente, fluem sentidos no presente. O desejo é o de navegar mais e visitar outros temas. No espaço “Comunidade” do canal, verificou-se o registro de 12 interações entre usuários e o administrador da página, solicitando informações sobre reportagens exibidas pelos referidos programas que não podem ser localizadas na internet. É possível que este seja um indício que ajude a compreender se o comportamento e a preferência do público influenciam a lógica de assuntos lembrados ou priorizados, quando o canal recupera e compartilha arquivos.

## 6. Considerações Finais

Em meio ao fluxo acelerado de informações, a sociedade passa cada vez mais a produzir arquivos e a recuperá-los nos lugares de memória. Esses espaços servem de cimento para apoiar e confirmar lembranças, contribuindo com a disseminação de saberes e conhecimento. Nisso, o jornalismo desempenha importante papel, pois torna os fatos inteligíveis no espaço e no tempo e auxilia os sujeitos a conformar sentidos. Aliado ao ciberespaço, as narrativas do mundo social podem ser rapidamente acionadas e utilizadas a qualquer momento.

Neste estudo, buscou-se observar como a memória coletiva se perpetua na internet através da cultura participativa. As plataformas de compartilhamento de vídeo, a exemplo do YouTube, tornaram-se pontos centralizadores para preservar e ressignificar o passado. Explorando o canal *Pedro Janov*, verificou-se que a página, ao recuperar gravações jornalísticas das emissoras de televisão ao longo das últimas décadas, mais documenta e situa os acontecimentos no tempo do que, propriamente, os ressignifica.

Compete aos usuários expressar seus sentimentos, a partir do uso da ferramenta “comentários”, e tecerem suas releituras. É bem verdade que, o canal observado é avesso ao debate dicotômico tão difuso atualmente no ciberespaço. Contudo, isso não minimiza a função social exercida pelo canal *Pedro Janov*, pois a página disponibiliza um volumoso acervo histórico e possibilita a recuperação de arquivos raros, que só podem ser acessados graças à cooperação em rede.

É neste contexto que as narrativas jornalísticas construídas no passado também entram em cena por meio do site. O jornalismo que, essencialmente, se volta para informar a sociedade sobre os acontecimentos contemporâneos, também se firma como uma referência da realidade que é construída socialmente. A natureza perecível da notícia - a novidade - dá lugar a novas propriedades e o relato jornalístico ganha uma segunda vida, se constituindo numa unidade de memória (CANAVILHAS, 2004). Portanto, o compartilhamento dos conteúdos jornalísticos – que também ocorre nesses canais - exerce um papel importante na conformação das memórias individuais e coletivas (HALBAWACHS, 2013) e no estabelecimento de práticas e experiências sociais no YouTube.

Não pretendendo esgotar o tema, cabe deixar alguns questionamentos que surgiram a partir das observações aqui realizadas e que servem de inspiração para estudos posteriores. É pertinente compreender quais sentidos são gerados através dos rastros deixados pelo público em forma de comentários, quando colocados diante de narrativas transportadas do passado para o tempo presente. Nostalgia, reflexões, descobertas, concordância ou discordância? Quais percepções são processadas pelos usuários ao visitarem os lugares de memória? Num mundo midiático, entender como se cristaliza a memória coletiva vai muito além da análise dos artefatos digitais. É preciso voltar-se para as reações e reconstruções empreendidas pelos sujeitos.

## Referências

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa:** Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital:** como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

CANAVILHAS, João Messias. **Internet como Memória.** BOCC, 2004. Disponível em: [http://bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php3?html2=canavilhas-joao-internet-como-memoria.html](http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=canavilhas-joao-internet-como-memoria.html). Acesso em: 19 jul. 2020.

CASALEGNO, Federico. Uma abordagem ecológica da memória em rede. In: CASALEGNO, Federico (Org). **Memória cotidiana:** comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. O Jornalismo e a Reformulação da Experiência do Tempo nas Sociedades Ocidentais. **Intercom**, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/147309229542103229423892634820623515117.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2013.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Adolph, 2009.

JOHNSON, Telma. **Pesquisa social mediada por computador: questões, metodologia e técnicas qualitativas**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

LÉVY, Pierre. A Revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, Francisco Menezes.; SILVA, Juremir Machado da. (Org.). **Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2003.

LUCENA, Giselle Xavier. **Um estudo sobre memória, identidade e midiaticização: O Acre não existe**. Compós: 2015. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-03a306c2-b8eb-4552-a9df-cbc13e539ab9\\_2889.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-03a306c2-b8eb-4552-a9df-cbc13e539ab9_2889.pdf). Acesso em: 18 jul. 2020.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teorias das Mídias Digitais: linguagem, ambientes e redes**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MORIN, Edgar. Partilhar uma memória para uma existência poética. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História**, PUCSP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 19 jul. 2020.

PALÁCIOS, Marcos. Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate. In: **Anais do Workshop de Jornalismo Online**, Covilhã, 2002, p. 1-12. Disponível em: <http://labcom-ifp.ubi.pt/files/agoranet/02/palacios-marcos-informacao-memoria.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. (Org.). **A Era Glacial do Jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

REGO, Ana Regina. A Ditadura Militar no jornalismo: uma abordagem a partir do conceito de lugar de memória. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)** - v.3, n.2, p. 21-32, jul./2014 - dez./2014. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4132/2448>. Acesso em: 21 jul. 2020



REGO, Ana Regina. Articulação temporal e essência narrativa: o jornalismo para além do tempo presente. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 03, p. 149-168, dez.2018/ mar.2019. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/19453>. Acesso em: 21 jul. 2020.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A memória e o mundo contemporâneo. In: RIBEIRO, Ana Paula; FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael. (Org.). **Entretenimento, Felicidade e Memória**: forças moventes do contemporâneo. São Paulo: Anadarco, 2013.